

PERSPECTIVAS PARA A TRADUÇÃO DE LITERATURA CHICANA

Cristiano Silva de Barros*

RESUMO: A cultura do povo chicano se constrói a partir do encontro entre o universo hispânico do México e o universo anglo-saxônico dos Estados Unidos, e, em seu interior, seus integrantes desenvolvem um modo próprio de falar, de se expressar, expressar seu mundo e sua cosmovisão, uma linguagem híbrida, múltipla, conhecida de maneira geral como *spanglish* (D'AMORE, 2010). Além de funcionar como um instrumento de comunicação, a linguagem dos chicanos também é usada como ferramenta de afirmação cultural, identitária e de resistência pelos membros de sua comunidade, incluindo os autores da literatura produzida por essa etnia. Tal literatura se caracteriza, entre outros aspectos, por diversas estratégias utilizadas por seus produtores para materializar em sua obra a voz chicana, plural e polifônica, e o tradutor que se proponha a enfrentar o desafio de traduzir textos desse sistema literário tem, basicamente, dois grandes caminhos para seguir: enveredar-se pelas mesmas trilhas percorridas pelo texto fonte e seu autor, ou não. Neste trabalho, cada um desses caminhos é discutido, comentado (com base em BOJANINI, 2008; D'AMORE, 2010; PONZ, 2010; CARRA, 2011, 2013; ARBOLEDA-TORO, 2017; AHMED, 2018), e exemplificado com exercícios tradutórios da obra *Pensamiento Serpentino* (1973, 1990), do dramaturgo chicano Luis Valdez.

Palavras-chave: Literatura chicana; Tradução de literatura chicana; Luis Valdez; *Pensamiento Serpentino*.

RESUMEN: La cultura del pueblo chicano se construye a partir del encuentro entre el universo hispano de México y el universo anglosajón de los Estados Unidos, y, en su interior, sus miembros desarrollan su propia forma de hablar, de expresarse, expresar su mundo y su cosmovisión, un lenguaje híbrido, múltiple, conocido de modo general como *spanglish* (D'AMORE, 2010). Además de funcionar como un instrumento de comunicación, el lenguaje de los chicanos también se utiliza como una herramienta de afirmación cultural, identitaria y de resistencia por parte de los miembros de su comunidad, incluidos los autores de la literatura producida por este grupo étnico. Dicha literatura se caracteriza, entre otros aspectos, por varias estrategias utilizadas por sus productores para materializar en su obra la voz chicana, plural y polifónica, y el traductor que se propone afrontar el reto de traducir textos de este sistema literario tiene básicamente dos grandes caminos a seguir: ir por los mismos senderos recorridos por el texto fuente y su autor, o no. Este trabajo discute y comenta cada uno de estos caminos (basado en BOJANINI, 2008; D'AMORE, 2010; PONZ, 2010; CARRA, 2011, 2013; ARBOLEDA-TORO, 2017; AHMED, 2018), y los ejemplifica con ejercicios de traducción de la obra *Pensamiento Serpentino* (1973, 1990), del dramaturgo chicano Luis Valdez.

Palabras clave: Literatura chicana; Traducción de literatura chicana; Luis Valdez; *Pensamiento Serpentino*.

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Introdução

Os chicanos são sujeitos construídos no contato entre a cultura hispânica do México e a cultura anglo-saxônica dos Estados Unidos, sobretudo no espaço fronteiriço entre esses dois países, e constituem um povo que quer se afirmar como algo diferente, como uma outra comunidade, já que, como ressalta Ponz (2007, p. 134-135), o que se forma a partir do contato entre distintas culturas é sempre um mundo novo, uma fusão, que não pertence diretamente a nenhuma delas, mas que se vale de ambas para conformar uma terceira cultura, fronteiriça. Segundo a autora,

Algunos teóricos han querido ver en estas culturas una simple mezcla de elementos procedentes de ambas partes, sin embargo lo cierto es que el resultado es mucho más complejo, puesto que en el proceso de hibridación, los elementos se adaptan y moldean a la nueva realidad, adquiriendo matices nuevos; todo esto tiene como resultado la creación de una cultura nueva y original, una identidad propia basada en el mestizaje [...]. (PONZ, 2007, p. 135)

Além das origens já referidas, a identidade chicana também resgata, em sua elaboração, suas heranças indígenas pré-hispânicas, sobretudo maias e astecas, e essa matriz cultural múltipla engendra e desenvolve um outro modo de falar, de se expressar e expressar seu mundo, sua cosmovisão, forjando “*una lengua propia que toma cosas de ambos lados, que refleja su identidad híbrida, mestiza, fronteriza*” (PONZ, 2007, p. 140). De acordo com D’Amore, essa linguagem do povo chicano, conhecida de maneira geral como *spanGLISH*,

puede entenderse como una variedad lingüística, un código híbrido; no obstante, esta nomenclatura en realidad se aplica no sólo a diversas variedades lingüísticas habladas en Estados Unidos y en varios países hispanohablantes, entre ellos México, sino también a un conjunto de características resultantes del contacto entre el español y el inglés. Estas características incluyen los préstamos y calcos —léxicos y oracionales—, los cambios de código, e incluso los neologismos. (D’AMORE, 2010, p. 32)

Bueno (2016, p. 109) aponta quatro grandes fenômenos que caracterizam o idioma híbrido dos chicanos, também designado pela autora como *spanGLISH*: 1. mudança de códigos, na qual o falante passa de uma língua a outra em uma frase (*code-switching* intraoracional), ou em porções discursivas e textuais maiores (*code-switching* interoracional); 2. empréstimos de unidades linguísticas entre os idiomas; 3. ampliação de significados, usos e funções de termos, expressões, léxicos, frases etc.; 4. importações de unidades linguísticas de um idioma a outro, com estruturas, usos, sentidos e significados literais.

Além de funcionar como um instrumento de comunicação, a linguagem dos chicanos também é usada como ferramenta de afirmação cultural, identitária e de resistência pelos membros da comunidade chicana, incluindo os autores da literatura produzida por essa etnia.

Segundo Carra:

Algunos lo emplean simplemente porque así hablan en su vida diaria y pretenden trasladar su realidad a sus obras; otros, porque es así como desean que hablen sus personajes, porque quieren representar a una determinada comunidad y deciden hacerlo mediante su uso del lenguaje. Otro motivo, que puede ser más o menos evidente en el texto, es el de la denuncia de una situación social determinada. (CARRA, 2013, p. 130).

Para essa autora, há sempre certo nível de planejamento no uso desse hibridismo linguístico pelos autores chicanos, já que querem alcançar o maior público possível:

Al tratarse de una inclusión llevada a cabo de forma plenamente consciente, los autores introducen el cambio de código en sus obras intentando reproducir en la medida de lo posible su uso real, pero, al mismo tiempo, empleando una serie de estrategias concretas con objeto de que un angloparlante pueda entender el discurso, ya sea por el contexto que se le proporciona, ya sea por medio de alguna otra indicación lingüística más específica. El objetivo, al fin y al cabo, es acercar la obra al mayor número posible de lectores. (CARRA, 2013, p. 131)

Carra (2011) analisa o uso da linguagem híbrida utilizada na obra *The Brief Wondrous Life of Oscar Wao* (2007), do escritor dominicano Junot Díaz, e, entre as estratégias usadas pelo escritor para habitar seu texto em inglês com a língua espanhola, destaca: uso de estruturas, termos, frases e vocabulários em espanhol, não traduzidos (palavras de fácil compreensão pelo leitor falante de inglês, palavras do ambiente familiar e com forte carga emocional, vocativos, interjeições, nomes, sobrenomes etc.); uso de autotraduções, nas quais um termo, uma expressão ou uma frase que se usa em um idioma aparece traduzido no outro, em posição próxima no texto; uso de explicações, oferecidas no texto também em lugares próximos, em relação ao significado de palavras e frases que figuram em outra língua; não uso de itálico para marcar palavras em espanhol, o que faz com que esse idioma apareça de forma mais integrada e orgânica no texto; uso da morfossintaxe do espanhol no inglês, ou de léxico do inglês em estruturas morfossintáticas do espanhol; mescla de usos, e não usos, de elementos gráficos das duas línguas (ortografia, sinais de pontuação, acentos, maiúsculas etc.); presença de erros intencionais na grafia de palavras e de transcrições diretas dos modos como os personagens falam as línguas. A autora também aponta outras estratégias:

Podemos distinguir varias estrategias utilizadas por Junot Díaz a lo largo de la obra: la presencia del español con o sin explicación en inglés, el uso de elementos culturales hispanos, con o sin presencia del español, y [...] el añadido de notas a pie de página que sitúan al lector en el contexto histórico de ciertas referencias culturales. (CARRA, 2011, p. 169)

De forma coincidente con la ya comentada inserción de términos o expresiones en español, es de destacar que este uso va acompañado en ocasiones de una explicación o de la introducción de alguna frase a través de la cual se puede deducir el significado de la palabra o expresión. (CARRA, 2011, p. 169-170)

Igualmente, Claramonte (2015, p. 352) elenca algumas características das literaturas híbridas, tais como: uso de palavras em línguas minoritárias; uso subversivo de línguas dominantes; uso da sintaxe (e da morfossintaxe) de uma língua no interior de outra; distorções e apropriações de pronúncias, de significados e de formações de palavras; traduções literais de refrães, frases feitas, ditos populares, expressões idiomáticas etc.

Arboleda-Toro (2017) também comenta o uso da linguagem na poética chicana, a partir da obra do poeta Alurista, e ressalta que o multilinguismo na poesia de Alurista se manifesta principalmente por meio de dois grandes fenômenos: *code-switching* e *code-mixing*:

la alternancia interoracional o code-switching es aquella en la que dos oraciones están escritas en dos sistemas lingüísticos diferentes, lo que facilita distinguir el punto donde cambia la lengua [...]. el segundo tipo de alternancia, llamado alternancia intraoracional, también conocido como code-mixing, ocurre cuando en una oración se combinan elementos constituyentes (conjunciones, sustantivos, adjetivos, determinantes, etc.) de dos lenguas diferentes, lo cual hace más difícil determinar una lengua base. [...] De esta manera, mientras en la alternancia interlingüística las lenguas se organizan en unidades o bloques lingüísticos, en la alternancia intralingüística las lenguas se van entreverando en el cuerpo del poema. (ARBOLEDA-TORO, 2017, s.p.)

A partir do antes exposto, pode-se constatar que o tradutor que se proponha a enfrentar o desafio de traduzir textos da literatura chicana tem, basicamente, dois grandes caminhos para seguir: enveredar-se pelas mesmas trilhas percorridas pelo texto fonte e seu autor, ou não. Nas próximas seções deste trabalho cada um desses caminhos é discutido, comentado (com base em BOJANINI, 2008; D'AMORE, 2010; PONZ, 2010; CARRA, 2011, 2013; ARBOLEDA-TORO, 2017; AHMED, 2018), e exemplificado com análises de exercícios tradutórios da obra *Pensamiento Serpentino* (1973, 1990), do dramaturgo chicano Luis Valdez.

1 Perspectivas para a tradução de literatura chicana

Carra retoma a dicotomia mais tradicional de posturas tradutórias diante de textos literários híbridos:

De forma general, podemos distinguir dos modos distintos mediante los que un traductor se enfrenta a un texto con cambio de código del tipo que nos atañe: la domesticación y la extranjerización (domestication y foreignization). [...] Mientras que la domesticación supone el acercamiento del texto a la cultura meta, la extranjerización implica lo contrario: el acercamiento de la traducción a la cultura origen. (CARRA, 2013, p. 134)

Segundo a autora, para aproximar o texto original da cultura e do leitor meta, a domesticação do texto “*supone precisamente la desaparición del cambio de código en la traducción*” (CARRA, 2013, p. 134), o que é corroborado pelo estudo de Ponz, no qual são analisadas traduções de obras de Julia Álvarez, escritora nascida em Nova Iorque e filha de pais dominicanos: comparando as traduções, do inglês para o espanhol, da obra *How Tía Lola Came To Visit Stay* (2001), feitas por Carolina Sanín Paz em 2001 e por Liliana Valenzuela em 2004, Ponz constata que

Sanín Paz opta por marcar en cursiva todas aquellas palabras y frases que aparecen en español en el original y así nos lo explica en una nota en la primera página. Sin embargo, a pesar de hacer patente que el texto de origen es bilingüe, su traducción no lo es, ya que hay poquísimas palabras en inglés. En cambio, Valenzuela no marca de ninguna manera el hecho de que la autora emplee el español en el original, pero su texto sí incluye frases en inglés, especialmente en aquellos diálogos en los que se plantea un conflicto lingüístico. (PONZ, 2010, p. 93-94)

Para Ponz, Valenzuela, com esses gestos,

aprovecha para sumergir al lector en ese mundo bilingüe. Obviamente, estas decisiones provocan que el receptor tenga que implicarse más en la lectura, ya que la comprensión total de la obra requiere de su participación, lo cual también ocurre en el texto original; esta dimensión pedagógica, en cambio, se echa de menos en la versión de Sanín Paz. (PONZ, 2010, p. 95)

Arboleda-Toro analisa e discute a tradução para o francês, realizada por Elyette Benjamin-Labarthe, de textos poéticos multilíngues de Alurista, poeta e ativista chicano nascido no México e crescido nos EUA, e mostra que a tradutora decidiu não manter o bilinguismo do original no texto meta, optando, assim, por uma homogeneização linguística (ARBOLEDA-TORO, 2017, s.p.). Segundo o pesquisador, para justificar tal postura,

Benjamin-Labarthe, no estudo introdutório que apresenta em sua antologia, argumenta que os textos híbridos apresentam um elevado grau de intraduzibilidade, o que se configura como uma limitação ao ato tradutório, levando a um, nos dizeres da tradutora, “*necesario aplanamiento de la lengua, que produce el borramiento del bilingüismo poético*” (ARBOLEDA-TORO, 2017, s.p.).

Algumas das estratégias utilizadas pela tradutora para cumprir seu propósito são identificadas nas análises de Arboleda-Toro (ARBOLEDA-TORO, 2017, s.p.): clarificação, que produz mudanças de imagens poéticas, símbolos, referências culturais, metáforas, palavras, reestruturações sintáticas, idiomáticas e semânticas, com o intuito de deixar o texto traduzido mais claro e próximo ao leitor; enobrecimento, que leva ao uso de palavras e expressões mais rebuscadas, consideradas mais adequadas e mais valorizadas pelo leitor, o que pode até ir contra a proposta do texto original; racionalização, que significa reorganização, reinterpretção e reelaboração de frases e sequências textuais, com o intuito de se aproximar à lógica e às normas de construção discursiva da língua, da cultura e do leitor de chegada (em alguns casos essa estratégia afeta inclusive elementos da dimensão gráfica do texto, tais como ortografia, pontuação etc., em um movimento que busca elevar o grau de standardização do texto, chegando, em alguns casos, a reduzir a carga expressiva presente no original); apagamento/supressão de superposições e jogos (inter)linguísticos, por meio de retiradas e cortes de palavras, registros, variedades, cruzamentos (inter)linguísticos, ou seja, de recursos que revelam a heterogeneidade, a pluralidade e a multiplicidade de significados e vozes presentes no original, e que oferecem mais abertura para o ato de ler, possibilitando ao leitor uma postura mais ativa e participativa, ao transitar por essa polifonia, e tomar decisões referentes a modos e percursos de lê-la e de interpretá-la. Esse movimento de apagamento torna o texto meta mais padronizado, monofônico, fechado, fazendo com que o leitor seja mais passivo e receba uma massa linguística, textual e discursiva mastigada e acomodada para um caminho de compreensão e interpretação já determinado e definido previamente.

Desse modo, o estudo de Arboleda-Toro nos mostra

que la fisionomía de la versión francesa de la poesía chicana, al estandarizar, al homogenizar lo heterogéneo, no permite que el lector de habla francesa tenga la experiencia del mestizaje lingüístico chicano en sus niveles sociolingüístico, estético y epistemológico; es decir, la versión francesa, en cuanto traducción etnocéntrica, no deja que el lector acceda al sistema textual del original (Berman, L'épreuve 19). (ARBOLEDA-TORO, 2017, s.p.)

Alguns gestos domesticantes como os descritos por Arboleda-Toro também podem ser observados em Bojanini (2008), ao descrever e comentar seu processo tradutório da obra *Rituals of Survival: A Woman's Portfolio* (1985), de Nicholasa Mohr, escritora de ascendência porto-riquenha nascida em Nova Iorque. Bojanini optou por substituir canções infantis em inglês por equivalentes em espanhol, e não reproduzir no espanhol alguns erros gramaticais presentes no inglês, que caracterizam a fala popular de alguns personagens (BOJANINI, 2008, p. 29-30). Esse gesto, de certa forma, descaracteriza o contexto e a proposta do original, revelando certa postura purista, estandardizadora, neutralizadora e de “melhoramento” do texto na tradução. Isso acontece também em relação a aspectos linguísticos:

Había dicho anteriormente que parte del deber del traductor también es velar por su lengua, este es el caso cuando se encuentran por ejemplo muchos adverbios terminados en ly en una misma frase o en frases cercanas; traducirlos todos al español como adverbios terminados en mente sería un error gramatical. Lo mismo ocurre con el exceso de gerundios; en inglés se pueden usar sin ningún problema, en cambio, en español, es necesario recurrir a otras formas verbales para no caer en errores o para que no suene pesado. Igualmente cuando se enfrenta una abundancia de pronombres posesivos hay que buscar otras opciones en español para que no suene como un calco del inglés. (BOJANINI, 2008, p. 30)

Sobre essa decisão de não seguir o caminho dos autores, e produzir textos de chegada mais domesticados, Ponz alerta que as traduções se dão sob a orientação e o comando de “*jerarquías y relaciones asimétricas que operan dentro del propio mundo editorial y que condicionan todo el proceso de publicación de una traducción*” (PONZ, 2010, p. 95):

Por ello, se realizan traducciones que se adaptan a las perspectivas del público receptor y que son lecturas fáciles; es decir, si una obra utiliza un lenguaje híbrido, resulta más simple traducirlo a inglés, español o francés estándar que mantener el juego entre lenguas y explicarle el contexto al lector o confiar en que será capaz de averiguarlo por su cuenta. (PONZ, 2010, p. 96)

Arboleda-Toro também esclarece que as decisões tomadas por Benjamin-Labarthe em suas traduções, muito provavelmente, atendem a, e refletem, um protecionismo linguístico e cultural vigente no contexto francês, no momento de realização de sua tradução:

Es evidente que este clima era poco favorable para pensar en una mezcla de lenguas en una traducción francesa de la poesía chicana. El proteccionismo lingüístico en Francia y la ideología del monolingüismo constituyen dos condicionantes importantes que influyeron en el comportamiento traductivo de Benjamin-Labarthe. (ARBOLEDA-TORO, 2017, s.p.)

Segundo Carra, “*esta es la estrategia empleada hasta hace poco tiempo y que en algunas editoriales aún se sigue usando*” (CARRA, 2013, p. 134); no entanto, a autora afirma que tem havido mudanças no cenário editorial, com relação à tradução de textos multilíngues e híbridos:

las editoriales eran proclives hasta hace relativamente poco a solicitar un TM en el que predominara el español neutro y en el que se eliminara de esta forma cualquier problema de comprensión que un texto bilingüe pudiera plantear; sin embargo, la conciencia cada vez mayor de que el cambio de código no es una elección caprichosa por parte del autor, sino una muestra más de la cultura de un grupo de individuos y que, además, tiene un significado que trasciende lo puramente lingüístico, ha ayudado a que se empiecen a publicar traducciones que intentan mantener las características del TO en el TM. Si existe limitación de la comprensión por parte de los lectores de la versión meta, no será mayor que la que podría haber entre los receptores del original y se conseguirá, de esta manera, un texto que mantenga características similares al de origen. (CARRA, 2011, p. 177)

Nesse contexto, com o propósito de propor caminhos para tradutores de textos híbridos e multilíngues, elaborados em situações de contato linguístico-cultural, D’Amore recomenda uma proposta estrangeirizante, que, segundo a autora, consiste em

enviar metafóricamente al lector al extranjero, no el de traer a casa al autor. Para eso, se propone una serie de estrategias, incluyendo la adopción y/o adaptación de vocabulario o de sintaxis del texto y lengua original. Cabe señalar que la aplicación de estas estrategias puede resultar en la producción de textos traducidos que requieren de mayor esfuerzo por parte del lector que las traducciones que se describen tradicionalmente como fluidas. Las traducciones fluidas requieren de la inversión de un menor esfuerzo debido a su lealtad primaria hacia la lengua y cultura destino, y no al texto original (TO) y su lengua y cultura. En contraste, la dificultad relativa de una traducción foraneizante sirve como un recordatorio de la alteridad del TO, a través de intervenciones que resaltan el hecho de que el texto traducido (TT) es efectivamente un texto traducido, de un texto producido en Otra lengua, en Otras circunstancias, en Otro contexto. (D’AMORE, 2010, p. 34)

Seguindo esse paradigma, e para concretizá-lo, a pesquisadora sugere um tradutor de mente aberta, pois “*Mientras más abierta tengamos la mente, más recursos potenciales tendremos a la hora de traducir, y podemos crear nuevos espacios en los cuales la alteridad recibe un trato digno y respetuoso*” (D’AMORE, 2010, p. 41), o que significa assumir que

La traducción no debe consistir en eliminar los rasgos esenciales del Otro. Elementos culturales significativos de la cultura de origen, reflejados en el uso lingüístico, deben conservarse; la supresión de la alteridad es un perjuicio a su autor y potencialmente a la respectiva cultura. Un acercamiento general foraneizante permite un grado de preservación de diferencias lingüísticas y culturales a través del empleo del discurso heterogéneo. (D’AMORE, 2010, p. 41)

D'Amore relembra que “algún grado de domesticación en el proceso y el producto traductológico es prácticamente inevitable”, porém, como também defende a autora, “Dentro de una visión humanista se puede contemplar estrategias para minimizar el impacto domesticador de la traducción” (D'AMORE, 2010, p. 41). Assim, a pesar de advertir que “Debemos tener mucho cuidado de evitar la producción de TTs que son exóticos hasta el punto de parecer parodias o ridiculizaciones del TO” (D'AMORE, 2010, p. 41), recomenda que “El traductor [...] no debe tener miedo de intentar producir versiones innovador[a]s de textos innovadores o que se desvían de las normas de los cánones” (D'AMORE, 2010, p. 41).

Carra reafirma essa perspectiva estrangeirizante, e ressalta que:

[...] si el objetivo último de una traducción es crear un texto que cuente con un escopo, con rasgos y con efectos similares a los del TO, el método empleado resulta fundamental. Considero que la extranjerización es el más apropiado para reflejar el fenómeno lingüístico y cultural que supone el cambio de código. La domesticación no hace sino borrar todo rasgo característico del original que, en este caso, resulta primordial para la contextualización social, personal, profesional o identificativa de la historia y de los personajes. (CARRA, 2013, p. 139)

Nessa mesma direção, Ahmed, em um trabalho no qual analisa traduções em diferentes línguas (inglês, alemão, italiano, árabe) de uma novela escrita em hebreu por Eli Amir (2005), mas com forte presença do árabe (AHMED, 2018, s.p.), parte da premissa de que

Translating texts that contain some instances of CS is not an easy task for many translators. The main reason is the fact that the use of CS in a source text reflects not only linguistic and sociolinguistic elements, but also carries an aesthetic and literary message for the reader (AHMED, 2018, s.p.).

Essa premissa o leva a outra: “Therefore, omitting or not representing the CS in the TT in an appropriate way violates the original style of the ST” (AHMED, 2018, s.p.). A partir disso, Ahmed propõe a adoção de uma abordagem tradutória multilíngue e híbrida, que acompanhe a proposta estética do original, e que analise, compreenda, considere e mantenha, igualmente, os modos e formas em que o hibridismo linguístico é usado no texto de partida.

2 Análises

Os exemplos analisados e comentados a seguir ilustram as duas rotas antes discutidas (com base em BOJANINI, 2008; D'AMORE, 2010; PONZ, 2010; CARRA, 2011, 2013; ARBOLEDA-TORO, 2017; AHMED, 2018), para a tradução de textos multilíngues: nas

traduções 1, tem-se o uso de recursos e escolhas que transformam um original híbrido e plural em um texto meta padronizado, homogêneo e domesticado, com o completo apagamento do Outro, de sua mestiçagem, de sua estrangeiridade e de sua condição heterogênea, múltipla e polifônica; nas traduções 2, evidencia-se como é possível seguir a trilha do autor e do texto fonte, e construir um texto meta também heterogêneo, híbrido, não tão domado, no qual o Outro permanece e se faz presente, e que preserva a mestiçagem, a estrangeiridade, a pluralidade e a polifonia do original.

Tabela 1 - Exemplos de tradução

Texto original	Texto traduzido 1	Texto traduzido 2
Porque ésa es THE LAW the scientific and religious LEY of the universe. (VALDEZ, 1990, p. 175)	Porque essa é a Lei a científica e religiosa Lei do universo.	Porque essa é LA LEY la científica e religiosa LEI do universo.

Fonte: Traduções e tabela elaboradas pelo autor

No texto traduzido 1, há o apagamento e a omissão da mudança de código e do hibridismo linguístico presente no original, inclusive, saindo do uso da mesma palavra em duas línguas, para a repetição dela em apenas uma língua, a língua meta (“Lei”). Ocorre uma normatização/estandardização do texto em sua dimensão gráfica, com a retirada da caixa alta e o uso apenas da primeira letra em maiúscula na palavra “Lei”, para indicar o caráter individualizado do termo, o que gera um texto visual e materialmente distanciado, desconfigurado e descaracterizado em relação ao original. Essas estratégias domesticam e aproximam o texto fonte, e o traduzido, do leitor meta, e não o contrário: não levam o leitor meta, e a tradução, a um encontro, a uma proximidade com o texto de origem.

Na tradução 2 é mantida a alternância de línguas, seguindo o caminho do original, com o uso da mesma palavra em dois idiomas, porém valendo-se do espanhol em vez do inglês, dada a proximidade da palavra “LEY” com o português “LEI”; no segundo verso, usa-se o artigo em espanhol “la”, para compensar a perda de mudança linguística no terceiro verso, no qual se traduz a palavra “LEY”; o artigo “la”, presente em dois momentos do fragmento, não oferece dificuldade de compreensão para o leitor meta, e permite compensar e ampliar o hibridismo do texto meta, sem comprometer o entendimento do leitor. Desse modo, também há gestos de aproximação ao leitor meta, porém de outro modo: mantendo o Outro, não apagando sua presença, que continua fazendo-se ecoar por meio dos termos em espanhol, da manutenção gráfica da caixa alta nas palavras ressaltadas pelo original, e por meio de palavras que transitam em diferentes línguas (inglês, espanhol, português), por serem idênticas ou muito parecidas

entre elas: “Porque”, “ésa/essa”, “LEY/LEI”, “scientific/científica”, “religious/religiosa”, “universe/universo”. Tais palavras rompem com a lógica que opõe igualdade e diferença – pois o igual pode também ser diferente, e o diferente pode também ser igual, ou quase –, e, ao contrário do que ocorre na tradução 1 do mesmo fragmento, a manutenção e a presença do jogo entre línguas no texto traduzido permitem essa percepção pluralizada, essa leitura ampliada das palavras mencionadas, o que lhe dá à tradução 2 um caráter múltiplo, plural, polifônico, pois permite ao leitor se mover por um terreno fronteiriço, lendo, ao mesmo tempo, sua língua, sua voz, e outras, ainda que indiretamente, recebendo o Outro em seu território, e circulando, ao mesmo tempo, pelo território do Outro, sendo levado até ele e ao texto fonte, enfim, passando por uma experiência de fusão, encontro, diálogo, contato, mestiçagem, hibridação, e vivenciando, desse modo, a condição chicana, chicanizando-se.

Tabela 2 - Exemplos de tradução

Texto original	Texto traduzido 1	Texto traduzido 2
<p>Dying</p> <p>on the cross</p> <p>Jesus Christ spoke</p> <p>in a strange</p> <p>and holy</p> <p>language, saying:</p> <p>“HELI, HELI, LAMAH ZABAC TANI”</p> <p>which was misinterpreted</p> <p>long ago as</p> <p>“MY GOD, MY GOD, WHY HAST THOU FORSAKEN ME?”</p> <p>Because the translators</p> <p>did not recognize</p> <p>the strange phrase</p> <p>which was</p> <p>in</p> <p>MAYA YUCATECO</p> <p>and meant</p> <p>“AHORA ME SUMERGIO EN LA ALBORADA DE TU PRESENCIA”</p> <p>which was la presencia de Dios</p> <p>Who had not forsaken His Son at all.</p> <p>(VALDEZ, 1990, p. 178-179)</p>	<p>Ao morrer</p> <p>na cruz</p> <p>Jesus Cristo disse</p> <p>em uma estranha</p> <p>e sagrada</p> <p>língua</p> <p>aquilo que</p> <p>há muito tempo</p> <p>foi mal interpretado como</p> <p>“Meu Deus, por que me abandonaste?”</p> <p>Pois os tradutores</p> <p>não reconheceram</p> <p>a estranha frase</p> <p>proferida</p> <p>em</p> <p>língua maia</p> <p>e que significava</p> <p>“Agora me submerjo na alvorada da Tua presença”</p> <p>a presença de Deus</p> <p>Que de forma alguma abandonou Seu Filho.</p>	<p>Morrendo</p> <p>na cruz</p> <p>Jesus Christ falou</p> <p>numa estranha</p> <p>e sagrada</p> <p>língua, e disse:</p> <p>“HELI, HELI, LAMAH ZABAC TANI”</p> <p>o que foi mal interpretado</p> <p>long time ago como</p> <p>“MY GOD, MEU DEUS, POR QUE ME ABANDONASTE?”</p> <p>Pois os tradutores</p> <p>não reconheceram</p> <p>a estranha frase</p> <p>proferida</p> <p>em</p> <p>MAYA YUCATECO</p> <p>e que significava</p> <p>“AGORA ME SUBMERJO NA ALVORADA DE TUA PRESENÇA”</p> <p>la presencia de Dios</p> <p>Que de forma alguma abandonou Seu Filho.</p>

Fonte: Traduções e tabela elaboradas pelo autor

Na tradução 1 desse trecho, observa-se que desaparece a multiplicidade de línguas, o que minimiza e reduz a questão tradutória presente no original: no texto meta, fala-se sobre a

tradução do que disse Jesus na cruz, porém sem a presença das línguas envolvidas; o resultado, portanto, é monofônico e mutila a pluralidade de vozes do original. Há também aqui vários gestos de reformulação do texto, para acomodá-lo a um padrão textual escrito mais prototípico do português: uso da expressão sem gerúndio “Ao morrer”; uso apenas do verbo “disse”, em vez de dois verbos (falar e dizer); supressão da citação direta da frase original de Cristo, substituída pelo demonstrativo “aquilo”; mudança de ordem e reorganização textual dos versos “há muito tempo” e “foi mal interpretado como”; substituição de uma nomeação específica por uma nomeação mais geral em “língua maia”; uso de artigo definido em “da Tua presença”. Essas intervenções têm claramente a função e o objetivo de padronizar e normatizar o texto em língua portuguesa, deixando o texto meta mais estandar e domesticado segundo regras de uso de uma norma escrita mais próxima do que se considera culto ou correto. Ressalta-se também que o texto de chegada apresenta um uso menor, ou um não uso, de recursos gráficos, tais como aspas, dois pontos, caixa alta, alterando, assim, a configuração, a composição, a paisagem material e visual do texto de partida, tornando-o mais domado, controlado e adaptado para o leitor meta, que o lerá com foco apenas no estrato da mensagem, recebendo uma informação mais digerida e pronta para uma compreensão facilitada; no entanto, justamente pelas ações homogeneizadoras, distanciadoras e normativas sofridas pela tradução, a mensagem que chega ao leitor é mais genérica, parcial e superficial, e menos significativa, carregando menos intensidade e profundidade, já que não conta com os reforços, ênfases e sentidos complementares trazidos pelos estratos, níveis e dimensões apagados e silenciados no processo tradutório.

O texto traduzido 2 segue a mudança de idiomas do original, ampliando-a com a entrada do português no diálogo entre línguas, culturas e sujeitos, estabelecido no texto meta; desse modo, é preservada, reforçada e expandida a questão tradutória presente no original, trazendo para a cena e para o jogo discursivo do texto de chegada as três línguas do original (espanhol, inglês e maia yucateco), mais o português; o resultado, assim, é polifônico, seguindo o texto fonte, e ampliando o dialogismo e as vozes no texto meta. Diferentemente da tradução 1 desse trecho, aqui os gestos, ações e intervenções são outros, de outra ordem e natureza, e visam à manutenção do hibridismo, da identidade, da construção e da geografia física, política e cultural do texto de origem, promovendo uma maior proximidade e conexão do leitor com esse texto e com o Outro que ele carrega; ao mesmo tempo, há aproximações ao leitor meta, para que ele acesse e interprete o texto que lê, mas fazendo-o dialogar e encontrar o Outro, e não dele se distanciar. Cria-se, então, uma ponte, um espaço fronteiro, bidirecional, em que a tradução se

move entre o estrangeiro e o não estrangeiro, entre o Outro e o leitor, ora aproximando-se de um, ora de outro, fomentando a interação entre ambos; enfim, um texto meta que se situa no entrelugar, híbrido, fusão de tradução e não tradução. Tudo isso pode ser constatado em diversos pontos do texto traduzido, tais como: manutenção do gerúndio em “Morrendo”; uso de “Jesus Christ”, em que ecoam o português, o inglês e o espanhol; emprego dos dois verbos usados no original, “falar” e “dizer”; manutenção da citação direta, em língua maia, da frase dita por Jesus Cristo, e da organização textual dos dois versos que lhe seguem; inserção de “time” em “long time ago”, para que a expressão possa ser mais familiar e acessível ao leitor meta; uso de uma autotradução em “MY GOD, MEU DEUS”, apoiando o leitor em seu entendimento da expressão em inglês, que, provavelmente, já lhe é conhecida, por isso foi mantida em sua língua original; ambiguidade na pergunta “POR QUE ME ABANDONASTE?”, na qual podem reverberar o português e o espanhol simultaneamente; emprego do nome em espanhol da língua indígena, “MAYA YUCATECO”, que pode, inclusive, ser acompanhado de uma nota explicativa que instrua, oriente e situe o leitor em relação a esse idioma; presença da voz do espanhol na ausência do artigo definido em “ALVORADA DE TUA PRESENÇA”; manutenção em espanhol da expressão “la presencia de Dios”, de forte impacto e importância cultural e identitária.

Assim, ao contrário da tradução 1, as intervenções realizadas na tradução 2 do fragmento acima buscam manter a estrangeiridade do texto de partida, sua lógica e sua proposta, bem como sua configuração e sua apresentação, por meio da preservação dos recursos gráficos, estéticos e estilísticos utilizados no original, revelando um trabalho que abarca as várias camadas do texto traduzido, e garantindo, assim, a entrega de uma mensagem mais potencializada, com menos perdas e com maior carga, força e sentido para o leitor que a recebe e interpreta, agora de maneira mais ativa, autônoma e protagonista.

Tabela 3 - Exemplos de tradução

Texto original	Texto traduzido 1	Texto traduzido 2
RELIGION and SCIENCE were una sola cosa para los mayas de la antigüidad (VALDEZ, 1990, p. 173)	Religião e ciência eram uma coisa só para os maias de antigamente	RELIGION e CIENCIA eram uma coisa só para los mayas de antigamente

Fonte: Traduções e tabela elaboradas pelo autor

Aqui também, na tradução 1, há o apagamento e a omissão da alternância de línguas, o que gera um texto monofônico, homogêneo, bem como normatizado e padronizado de acordo com uma perspectiva mais formal da língua portuguesa, já que, como no caso anterior, as Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.7, n.11, p.31-49, 2021.

palavras em caixa alta do original, e todas as demais do trecho, são grafadas dentro das regras do português escrito estandar, sem nenhum gesto transgressor, subversivo ou desviante em relação a elas. Esse texto meta, assim, promove a exclusão do Outro e o cancelamento de todos os gestos de resistência linguística, cultural, identitária, ideológica e política, realizados pelo texto fonte.

Por outro lado, na tradução 2, nota-se a permanência da mudança de códigos por meio da manutenção de “RELIGION” e de “los mayas”, introduzido por “para”, preposição polifônica que pode ser lida tanto como pertencente ao espanhol, quanto ao português. No texto de partida, o não uso do acento torna a palavra “RELIGION” híbrida entre inglês e espanhol; na tradução 2 esse gesto é repetido nessa palavra e concretizado também na palavra “CIENCIA”, cuja falta de acento torna a palavra híbrida entre português e espanhol, conduzindo o leitor, portanto, a múltiplas possibilidades de leitura desses termos no texto meta: como inglês e espanhol, como inglês e português, como espanhol e português, como espanhol e espanhol. Esses atos tradutórios, juntamente com a manutenção da grafia em caixa alta, reencenam, re-performatizam, no texto traduzido, o uso subversivo e híbrido, realizado no original, de recursos gráficos e tipográficos, dos idiomas envolvidos, promovendo uma relação imbricada, plural, dialógica e orgânica entre as línguas, e incluindo em sua materialidade a presença do Outro, de sua identidade híbrida, de sua luta e afirmação social, política e cultural.

Tabela 4 - Exemplos de tradução

Texto original	Texto traduzido 1	Texto traduzido 2
El corazón (YOLLO em nahuatl- <i>movimiento</i>) feels a reality the mind the human mind cannot grasp. (VALDEZ, 1990, p. 177)	O coração (Força vital em náuatle- <i>movimento</i>) sente uma realidade que a mente a mente humana não compreende.	El corazón (YOLLO em nahuatl- <i>movimiento</i>) sente uma realidade que a mente la mente humana não compreende.

Fonte: Traduções e tabela elaboradas pelo autor

Novamente, na tradução 1 desaparece a multiplicidade linguística, materializada no original pela presença de três línguas (inglês, espanhol e náuatle); observa-se que é realizada uma tradução da palavra “YOLLO” como “Força vital”, transmitindo ao leitor um sentido mais amplo e vago, que define e explica de modo mais resumido e superficial o termo usado no original em náuatle, língua dos astecas; trata-se de uma explicação que pasteuriza o conceito, e o texto meta, com o intuito de facilitar a interpretação por parte do leitor, porém oferecendo-lhe uma informação parcial e genérica, o que distancia esse leitor do propósito, do sentido, da

cultura, do contexto, da linguagem e dos sujeitos do texto fonte, em prol de uma suposta maior compreensão do texto traduzido.

Na tradução 2, é mantida a primeira frase em espanhol, de fácil compreensão para o leitor meta, preservando, assim, o hibridismo linguístico do original; no segundo verso, figuram os quatro idiomas envolvidos no trecho traduzido: o termo “YOLLO”, em língua indígena (principalmente por se tratar de uma palavra de forte carga e importância cultural, identitária, política e ideológica); a preposição “em”, da língua portuguesa; o termo “nahuatl”, em princípio, em língua inglesa, mas ao mesmo tempo podendo ser lido em espanhol sem o acento gráfico, por influência do inglês, o que pode configurar um cruzamento entre regras gráficas de diferentes línguas; a palavra “*movimiento*”, em espanhol, mas muito acessível ao leitor brasileiro, devido à grande proximidade que carrega, quase um pertencimento, em relação ao português. Mais adiante, opta-se pela inclusão do artigo “la”, o que torna ambíguo, híbrido e polifônico o restante da expressão, “mente humana”, que poderá ser lido tanto como pertencente ao português, quanto ao espanhol, o que, inclusive, eliminaria a repetição da palavra “mente” na mesma língua, diferentemente do que ocorre na tradução 1 desse mesmo trecho: nesta, só se oferece um caminho para o leitor, já na tradução 2, a presença do “la” bifurca o caminho, pluralizando-o em duas possíveis rotas, duas possíveis línguas para a leitura do verso, cabendo ao leitor, assim, o papel de escolher a trilha que quer seguir; ou, ainda, instaura e cria um espaço fronteiroço, que não separa ou divide, mas sim que une, que aproxima, que funde, permitindo ao leitor decidir seu rumo, sua direção e o sentido que prefere para se orientar e para cruzar, ou não, os (não) limites entre os idiomas. Com relação à palavra “YOLLO”, mantida no texto traduzido 2, pode-se inserir uma nota explicativa, informando ao leitor meta que se trata de um termo náuatle, dotado de grande polissemia, que pode significar: “coração”, “força vital”, “vida”, “alma”, “essência de todo ser vivo”, “sabedoria”, “próprio daquilo que está vivo, que se move e é livre”. Esse gesto permite auxiliar o leitor em seu percurso interpretativo, ao mesmo tempo em que lhe fornece um conceito mais preciso e detalhado, uma explicação menos genérica e superficial, o que o aproxima do texto fonte, bem como de tudo o que ele traz e carrega em sua proposta. Não se trata, portanto, de uma explicação parcial, redutora, facilitadora, homogeneizadora e pasteurizadora, que mastiga e digere o original para o leitor, carregando-o, como na tradução 1: trata-se de uma explicação mais complexa, aprofundada, dialógica e plural, que guia, orienta e apoia o leitor, e na qual se mantem a voz e a cultura do Outro, aproximando-as do leitor de chegada, que pode ser mais autônomo, caminhar com suas

próprias pernas, e ter a oportunidade de encontrar, conhecer, compreender e interagir de modo mais direto e significativo com esse Outro.

Considerações finais

Após as análises realizadas de exemplos tradutórios da obra *Pensamiento Serpentino* (1973, 1990), do dramaturgo chicano Luis Valdez, pode-se constatar que, nas traduções 1, é priorizada a transmissão do significado, da mensagem e do conteúdo do texto fonte, o que se revela, na prática, mais como uma ilusão, já que, na verdade, ao se eliminar a mudança linguística e se apagar o hibridismo no texto meta, tal mensagem é veiculada de forma parcial e limitada, pois não se contempla no trabalho tradutório o modo como ela é veiculada, modo esse que também carrega significados e informações importantes para uma compreensão mais ampla e profunda do texto de origem.

A normatização e a estandardização realizadas nas referidas traduções, por meio de estratégias que buscam clarificar, melhorar e corrigir aquilo que é considerado desviante e fora das normas e padrões, eliminam igualmente outros gestos e ações instaurados e performatizados pelo original, em um movimento que coloniza o texto de partida, e apaga, além do Outro, o tradutor, que age para priorizar um suposto significado na linguagem de chegada, com intervenções subservientes e passivas, cujo propósito é contribuir para uma suposta melhor compreensão do texto por parte do leitor de chegada, que é colocado em uma posição restrita e limitada. As traduções 1 buscam, assim, se aproximar e se adaptar a esse leitor, cujo papel é passivo na relação com o texto, facilitando seu trabalho interpretativo da mensagem, mas comprometendo sua possibilidade de uma compreensão maior e mais profunda em relação a outros aspectos abarcados pelo original, em suas múltiplas dimensões: identidade, cultura, cosmovisão, contexto, resistência, contato, confronto, afirmação política e cultural, rupturas e subversões, questionamentos e problematizações, reivindicações, construção, elaboração e afirmação de algo diferente e autônomo, aspectos estéticos, formais, composicionais etc. Desse modo, gera-se um distanciamento (em relação ao Outro, a seu contexto, sua identidade, seu texto, sua voz, sua cultura, sua realidade etc.), retirando a possibilidade de que o leitor meta vivencie e tenha uma experiência mais aproximada e potencializada com a condição chicana, um diálogo, um contato e uma confrontação com o Outro, com o diferente, com sua identidade, sua cultura, seu espaço.

Enfim, como bem sintetiza Arcia,

In an effort to produce more “readable” target texts (TT), the strategy of choice used by most translators in order to tackle CS occurrences in a literary text is “standardization” or “naturalization” of the second source language (SL), which disrobes the CS of its inherent dual linguistic characteristic as well as of its identitarian aspect within the bilingual community where the switching of codes occurs. In doing so, the end product completely disregards the phenomena of “system” blending and “group membership affiliation” included in the use of two languages as well as its implication within a speech community. (ARCIA, 2012, p. 66)

Em contrapartida, as traduções 2 seguem a trilha do autor e do texto fonte, fazendo com que a mensagem veiculada chegue de forma mais potente e completa ao leitor, já que o componente semântico se enriquece e se potencializa pelo trabalho feito em outros componentes, âmbitos e camadas do texto traduzido: formal, estrutural, material, composicional, configuracional, contextual, estético, pragmático etc. Por meio de gestos e estratégias como a manutenção da mudança linguística, o uso de cruzamentos linguísticos, autotraduções, explicações, não uso de itálico, manutenção da dimensão gráfica, física e visual do texto, de elementos culturais que se apresentam de forma direta para o leitor, de notas de rodapé que fornecem elementos contextuais e culturais, do uso de várias línguas, entre outros, concretiza-se uma tradução que não coloniza o original; uma tradução que demanda e atribui outro papel para o leitor em seu trabalho interpretativo e na sua relação com o texto: ativo, participativo, autônomo, investigativo, interativo, ampliando, expandindo e dilatando seus limites, repertórios e capacidades interacionais, intercomunicacionais e interculturais; uma tradução que mantém a configuração do texto, seu modo de composição, elaboração, construção, materialização, sua caracterização, sua apresentação, enfim, o lado concreto e material de sua encenação, de sua performance; uma tradução em que o tradutor tem papel ativo e visível na recriação e na reconstrução da proposta do original, sendo coautor e cocriador, com intervenções que revelam autonomia e posicionamento crítico em relação ao texto fonte, a seu próprio trabalho, ao texto meta, às linguagens, às culturas, aos sujeitos, enfim, a tudo o que envolve o ato tradutório, movendo-se em uma dimensão que vai além de uma mera transmissão linguística de significados, e que se constitui como ato de criação, ato político, ato cultural, ato discursivo, enfim, ato ideológica e contextualmente situado. Em síntese, nas traduções 2 o tradutor é sujeito no processo, é também protagonista, tem outra estatura, e não se limita apenas a ser um objeto, uma ferramenta de transmissão de mensagens de um código a outro.

Dessa forma, nos textos traduzidos 2, há mais ganhos e cumpre-se mais a proposta do original, em um texto meta que cria novas línguas e linguagens, novas leituras, novas

geografias, novos contatos e encontros, novas realidades, identidades e culturas; um texto meta que insere em seu jogo textual-discursivo uma outra/nova língua, para dar mais acesso a seu leitor, mas sem apagar as demais, presentes no original, o que é mais coerente com a proposta, com a condição e com a estética trazidas pelo texto fonte e pelo autor: não reduzir ou eliminar, mas sim inserir novas vozes, línguas, realidades, culturas, sujeitos, e ampliar os diálogos, os contatos, as fusões e as interlocuções instaurados no/pelo texto de partida. Tal postura tradutória vai ao encontro daquilo que afirma Arboleda-Toro sobre o poeta Alurista, mas que se aplica aos demais autores e textos da literatura chicana: “*Su punto de partida es la multiplicidad lingüística, el mestizaje y la hibridación. Y también es su punto de llegada y su mensaje*”, portanto,

El traductor no debe perder de vista este principio ya que este puede explicar que la estilística chicana no esté exclusivamente ligada a las lenguas chicanas, a saber el español, el inglés y sus variedades. Otras lenguas pueden hacer parte de la experimentación lingüística y literaria chicana [...]. (ARBOLEDA-TORO, 2017, s.p.)

Finalmente, cabe ressaltar a responsabilidade particular que a tradução de textos multilíngues impõe a seus tradutores, conforme ressalta Ponz:

Es obvio que estas nuevas literaturas mestizas cuestionan el concepto tradicional de traducción; sin duda, tenemos una responsabilidad especial cuando nos enfrentamos a textos marcados ideológicamente, como los analizados aquí. Nuestra labor va más allá del trasvase lingüístico o incluso de la transmisión del sentido, ya que todos los elementos que componen estos libros tienen un objetivo ideológico que debe hacerse patente. (PONZ, 2010, p. 95)

Referências

AHMED, M. A. H. Codes across languages: On the translation of literary code-switching. **Multilingua**, v. 37, n. 5, s.p., 2018.

ARBOLEDA-TORO, A. La traducción de la poesía multilingüe chicana al francés: un estudio de caso. **Literatura: teoría, historia, crítica**, v. 19, n. 2, s.p., 2017.

ARCIA, U. F. Translating Multilingual Texts: The Case of “Strictly Professional” in Killing Me Softly. *Morir Amando* by Francisco Ibáñez-Carrasco. **Mutatis Mutandis**, v. 5, n. 1, p. 65-85, 2012.

BOJANINI, L. Traducción al español de una voz de “El Barrio” - *Rituals of Survivors* de Nicholasa Mohr. **Mutatis Mutandis**, v. 1, n. 1, p. 25-33, 2008.

BUENO, T. R. **Literatura chicana e tradução – transbordamentos e aproximações à Fronteira**. 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

CARRA, N. J. La traducción del cambio de código inglés-español en la obra *The Brief Wondrous Life of Oscar Wao*, de Junot Díaz. **SENDEBAR**, n. 22, p. 159-180, 2011.

CARRA, N. J. ¿Traducir o no traducir? La presencia del cambio de código en la literatura latina en Estados Unidos y su influencia en la traducción. In: CONGRESO DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE LENGUAS MODERNAS, 2013, Sevilla. **Actas III Congreso de la Sociedad Española de Lenguas Modernas**. Sevilla: Editorial Bienza, 2013. p. 127-143.

CLARAMONTE, M. C. A. V. Traducir al atravesado. **Papers**, v. 100, n. 3, p. 345-363, 2015.

D'AMORE, A. M. Traducción en la zona de contacto. **Mutatis Mutandis: Revista latinoamericana de Traducción**, v. 3, n. 1, p. 30-44, 2010.

PONZ, M. L. Cruzar la frontera: un acto de traducción. **Alfinge**, n. 19, p. 133-146, 2007.

PONZ, M. L. Escritoras híbridas, traducciones dobles y la influencia del poder en el proceso traductor. **Trans. Revista de Traductología**, n. 14, p. 83-98, 2010.

VALDEZ, L. **Early Works: Actos, Bernabé and Pensamiento Serpentino**. Houston, Texas: Arte Público Press, 1990.